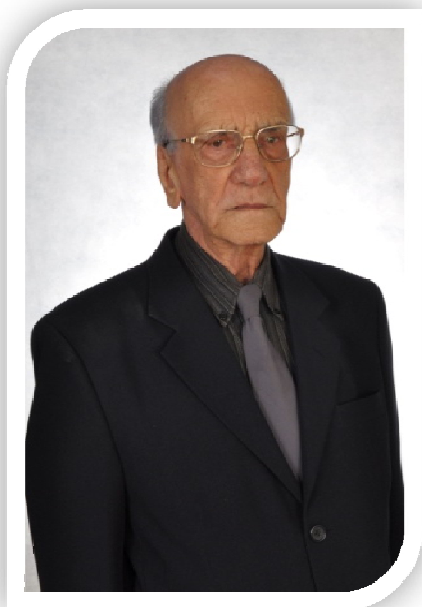


São João del-Rei – Menina Moça



Alair Coêlho de Resende

Fato notável e que merece ser profundamente relevado é que as cidades mais cheias de mitos e crendices, habitadas por fantasmas, ou como dizemos nós, assombradas, eram e ainda são as mais pujantes, mais desenvolvidas e as mais cultas. E aqui se insere São João del-Rei, a nossa querida São João del-Rei.

As cidades nunca envelhecem. Algumas, com o decorrer do tempo, até se tornam cada vez mais joviais e encantadoras. O curioso é que as cidades mais en-

cantadoras, logo, as mais admiradas, são aquelas que são as mais *assombradas*, ou sejam as que são atormentadas por maior número de fantasmas, tais como Londres (sobretudo Londres) e Paris. Não há um

palácio, u'a mansão clássica sequer, em Londres, que não tenha um ou mais fantasmas que as habite e sejam íntimos de seus felizes moradores. O londrino tem um prazer imensurável em morar em casarões habitados por fantasmas, quanto mais famosos e mais antigos, melhor. Este mórbido prazer chega ao ponto de ter forte influência no mercado imobiliário.

Todo londrino, ou aqueles que para lá se mudam, procuram logo adquirir uma casa antiga, ainda que simples, mas que comprovadamente seja habitada por um fantasma, de preferência famoso e bem antigo.

Em Paris, embora sem a mesma paranoia também há um culto antiquíssimo aos fantasmas, inclusive o que deu origem à célebre obra *O fantasma da Ópera*.

Este fato é constatado em todas as velhas cidades do mundo, inclusive fora da Europa, e o culto aos fantasmas foi exportado para os outros países que foram sendo constituídos a partir das descobertas marítimas. E aí, nestas novas terras, sobretudo no Brasil, *os lobisomens, mulas sem cabeça, vampiros, luzes aparecidas, mães d'água, mãe do ouro* e outras entidades sobrenaturais, por serem, certamente do mesmo mundo do além túmulo, se mesclaram com as *assombrações* nativas e o elenco terrorífico aumentou de maneira assustadora. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o *saci pererê*, o *boitatá*, o *curupira*, o *cabloco d'água*, *mãe d'água* e o *boto encantado*, que nas noites de lua cheia se transformava em belo e galante moço e seduzia as moças da Amazônia, as quais tanto se orgulhavam de se engravidarem, graças à sedução dos misteriosos e belos jovens.

Fato notável e que merece ser profun-

damente relevado é que as cidades mais cheias de mitos e credices, “habitadas” por fantasmas, ou como dizemos nós, *assombradas*, eram e ainda são as mais pujantes, mais desenvolvidas e as mais cultas. E aqui se insere São João del-Rei, a nossa querida São João del-Rei.

Quando por cá aportaram os europeus, ou os brancos já paulistas, trouxeram consigo além de um alto espírito empreendedor, uma coragem indômita, sem a qual não teriam adentrado os sertões gerais, arrostando toda sorte de perigos, inclusive as *assombrações* que “habitavam” entre os inocentes indígenas, que iam sendo contatados, preados e transformados em escravos pelos malvados homens brancos.

E o medo, que atormentava brancos e índios, se multiplicava, eis que além de seus fantasmas, outros se lhes somavam. Era um mundo medonho, mais habitado por entidades sobrenaturais do que por gente viva.

Quando Tomé Portes del-Rei fixou residência às margens do córrego do Lenheiro, outros brancos por cá, evidentemente, já tinham passado e deixado suas *assombrações* e as almas penadas que, certamente, deambulavam e tornavam as noites repletas de gemidos, gritos fátas-magóricos e visões fugazes, porém intimidadoras.

Podemos assim dizer que nossos primeiros habitantes, precedendo mesmo os moradores que chegaram com Tomé Portes del-Rei, foram as temidas *assombrações* que vieram de Portugal e que até hoje assombram e tornam mais temidas e também, por isto mesmo, mais encantadoras nossas velhas casas e as ruas coloniais. Há gemidos tétricos, aparições assustadoras e um interminável arrastar de cor-

rentes por nossas ruas. Nossas noites são, até hoje, aterrorizantes. Por elas perambulam o menino do solitário dente azul, o cavaleiro sem cabeça, que há séculos percorre as ruas são-joanenses tirando faíscas com os rompões das ferraduras de seu cavalo branco, nas pedras de calçamento irregular, em noites quaresmais e há, até mesmo, um caminhão fantasma, este mais moderno, e que faz a linha Resende Costa-São João del-Rei, pela estrada velha, com aparições mais frequentes na Cava Amarela.

Todos os povos que, intimidados ou respeitosos, cultuam as memórias de seus ancestrais, que têm uma rica mitologia, desde os hindus, os árabes, os gregos, romanos, normandos, nórdicos, germanos, celtas, godos, japoneses, coreanos, chineses, dentre tantos outros, são povos avançados e de cultura impecável. Não podem ser esquecidos, dentre os que veneravam seus ancestrais, os ameríndios, pré-colombianos, como os maias, toltecas, astecas, incas e indígenas brasileiros, dos quais herdamos muito mitos, credências, tradições e costumes.

Se um povo cultua os espíritos ancestrais, sem nenhuma exceção, se torna grande e grandes são suas manifestações econômico-culturais. E, em sendo assim, não há como negar que São João del-Rei se situa, sem dúvida, entre as cidades mais avançadas do Brasil, quiçá do mundo, pelo menos no que tange às manifestações culturais.

Manifestações de culto aos ancestrais são encontradas até hoje, entre nós, tais como Missas das Almas, Ofício de Trevas, celebrado na Semana Santa, Encomendação das Almas, todos cheios de ritos que remontam aos antigos tempos da

Se um povo cultua os espíritos ancestrais, sem nenhuma exceção, se torna grande e grandes são suas manifestações econômico-culturais.

Comarca do Rio das Mortes. Não é demais lembrar que, permeados com toques de profunda tristeza, temos até hoje as celebrações de funerais com ritos próprios e que transformam nossos velórios e sepultamentos, contraditoriamente, em solenes festividades fúnebres. Em São João del-Rei, embora com muita tristeza, os funerais são solenes e isto marcou, e marca ainda, fortemente, nossa cultura e faz de nós um povo diferenciado.

São João del-Rei é rica em casos de *assombrações* e todos, ou quase todos, nos remetem a uma certeza: nossas aparições sobrenaturais revelam que nossos ancestrais eram detentores de uma vasta cultura e incomparável erudição.

Não são raros os relatos de pessoas sérias que tiveram a feliz, ou amedrontadora, oportunidade de serem contempladas com visões noturnas sobrenaturais. E este relatos eram mais frequentes quando nossa iluminação pública era mais precária ou até inexistente, fato que ocorria com mais intensidade até a década de cinquenta, quando quase não tínhamos veículos automotores percorrendo nossas estrada e ruas.

Eram frequentes as informações de que luzes bruxuleantes caminhavam pela serra do Lenheiro, Alto das Mercês e Senhor dos Montes, visitando as bocas das betas, que assim eram chamadas, entre nós, as entradas das minas de ouro. Eram as chamadas *mães do ouro* que indicavam onde havia o precioso metal. Muitos notívagos voltaram para suas casas, mais cedo, intimidados por estas aparições.

No largo da Cruz, nas noites nebulosas, outonais e inverniais, a enorme e resplandecente *luz aparecida* era vista no meio do largo e de repente, velozmente, alçava voo e ia pousar no centro do largo das Mercês.

Na rua da Prata, hoje chamada Padre José Maria, quem por ali passasse, tarde da noite, era, às vezes, surpreendido com os sons de um concerto apresentado por um solo de afinados violinos e a marcação impecável de violoncelos; no largo do Rosário, muitos viram o desfile de uma Banda de Música, em passo de marcha fúnebre, executando a Marcha da Soledade.

Na avenida Hermilo Alves, nas proximidades do Memorial Presidente Tancredo Neves, onde outrora existiu a Casa da Ópera, ainda se ouve, nos tardios horários noturnos, um ator de potente vozeirão, recitar um monólogo, pasmemos, em francês.

Na entrada do largo de São Francisco,

Nós temos, até hoje, os mesmos marcos a sinalizarem as verdadeiras culturais que nossa gente percorre há trezentos anos, quanto aos indícios culturais que balizam a caminhada de todos os povos cultos, de todos os tempos e de todos os continentes.

ou praça Frei Orlando, costumeiramente os notívagos tinham oportunidade de ouvir uma ária, na voz de virtuoso soprano.

No andar térreo da Prefeitura Municipal, onde, durante anos funcionou a Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida e que então ficava aberta à noite, o vulto de um cavalheiro vestindo elegante traje típico do século XIX, podia ser visto silenciosamente procurando livros em suas estantes. Certamente era uma *assombração* culta.

Por estas e por outras informações que nos chegam pela via da oralidade dos bons contadores de *casos de assombrações*, de que nossa cidade é rica, podemos deduzir, com certeza silogística, que São João del-Rei sempre foi, e ainda é, uma cidade culta. Não há como duvidar.

Outros fatos devem ser registrados: a visão de um sargento corneteiro, com uniforme de gala, dos tempos imperiais, que executava o toque de silêncio, em posição de sentido, postado no portão de entrada do cemitério de São Gonçalo ou, ainda, a dama de branco que se via, silenciosamente, em pé, *fazendo ponto*, junto ao portão do cemitério do Carmo e à qual os notívagos mais afoitos abordavam para vê-la, de repente, desaparecer entre suas lúbricas mãos.

E o tenebroso arrastar de correntes, seguidos de tristes gemidos que atormentavam os moradores da rua Bernardo Guimarães, no bairro de Matosinhos?

E a dama vestida de singelo vestido de chita, calçada de chinelos de liga, olhar perdido, que em silêncio, na quaresma, percorria a rua Cel. José de Assis Sobrinho, em Matosinhos, encarando os que ousavam chegar às janelas, por volta da meia noite?

Não podemos deixar de registrar a *a-parição* da moça de branco, trazendo no pescoço uma fita azul da Irmandade das Filhas de Maria que ficava, tarde da noite, perto do trevo de Coronel Xavier Chaves a pedir carona e que já deixou muito motorista assustado quando, após tomar assento no carro, desaparecia num átimo.

A deduzir destes casos, onde quase sempre nossas *assombrações* revelavam grande gosto pelas artes, não temos como negar: nossos antepassados eram uns eruditos e isto demarca, de maneira insofismável, a vocação cultural de São João del-Rei. Nossa cidade sempre foi permeada de vasta cultura e este apelo, a provas sobrenaturais, nos remete às tradições das grandes cidades do mundo, a todas as cultas civilizações que até hoje cultuam com particular empenho e veneração seus mortos, os quais, acreditam felizes, ainda convivem com os vivos.

Ora, se alemães, ingleses (particularmente os ingleses) franceses e outros grandes povos aceitam estas provas, como concretas, porque nós, são-joanenses, que habitamos uma cidade trissecular e que tem características europeias, vamos desprezar estas provas de nossa cultura? Tudo isto nos remete a uma certeza: os povos que tiveram como marca de sua cultura o culto aos mortos, que criaram extraordinárias lendas e edificaram robustas mitologias, foram, não há dúvidas, os povos que possuíram e possuem até hoje

as mais pujantes civilizações e as mais elevadas culturas.

Daí porque São João del-Rei, mercê dos fatos que relatamos, é uma das mais cultas e dinâmicas cidades do Brasil, para honra e goáudio de todos nós.

Nós temos, até hoje, os mesmos marcos a sinalizarem as veredas culturais que nossa gente percorre há trezentos anos, quanto aos indícios culturais que balizam a caminhada de todos os povos cultos, de todos os tempos e de todos os continentes.

São João del-Rei, esta jovem menina de três séculos de idade, não é à toa que se situa entre os maiores centros culturais da América pós-colombiana: temos tradição e bem sabemos que um povo que não cultua suas tradições ou está morto, ou já agoniza.

Nossas tradições nos são bastante caras e nunca abandonaremos os hábitos de preservá-las.

E é por isto que São João del-Rei chegou aos trezentos anos de idade com a jovialidade das meninas moças, encantando a todos nós que aqui vivemos e àqueles que nos visitam.

Afinal, são-joanense não é apenas quem nasceu aqui, é também quem veio para ficar, trabalhar, morar e morrer de amores por esta terra abençoada.

E, ao darmos graças a Deus, pelo privilégio de morarmos nesta cidade, queremos também desejar toda sorte do mundo a esta terra bendita e proclamarmos: PARABÉNS, MENINA MOÇA, PELO SEU TRICENTENÁRIO NATALÍCIO, JOVEM E CULTA SÃO JOÃO DEL-REI.

São João del-Rei. 14 de setembro de 2013.

Alair Coêlho de Resende (1931). Membro da Academia de Letras de São João del-Rei. Nasceu em Resende Costa, Minas Gerais. Graduado em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia de Goiás (FATEGO). Pós-Graduado em Revisão de Texto pelo Instituto AVM de Brasília. Estatístico Provisoriado (CONFE). Exerceu as Profissões: Rodoviário, Bancário, Agente do IBGE, Professor, Assistente Técnico Administrativo do IBGE (aposentado), Consultor Jurídico da Revista Imposto Fiscal – São Paulo, Assistente Jurídico da Associação dos Municípios dos Campos das Vertentes (AMVER). **Obras:** *A vingança do judeu* (adaptação), em parceria. *A felicidade está presente. Alta Comédia*, em três atos. *Casos e Causos do vovô Totonho da Chapada* (Ed. Provisão 2010 – Palmas-TO). *O embuçado – Agente da Conjuração Mineira* – (Ed. AMIRCO – 2013 – Resende Costa-MG). Desde 1988 reside em São João del-Rei, onde atualmente advoga.